

Entre fenômeno e ficção, presente e futuro no planejamento: reflexões sobre temporalidades e futuridades

DOI: 10.544446/bcg.v13i1.3046

*Rainer Randolph*¹

Resumo

O presente texto dá continuidade a investigações sobre diversas temáticas do planejamento público e suas características e modalidades, realizadas nos últimos anos, com o objetivo de contribuir a uma discussão relacionada à importância de perspectivas de tempo e futuro adotadas – implícita ou explicitamente – nos processos de planejamento. Em outro lugar, mostrou-se como a diferenciação de diferentes modalidades do planejamento depende, em boa medida, de suas perspectivas em relação a tempo e futuro. Portanto, no atual trabalho o planejamento em si não vai ser o objeto direto da investigação, mas serão estudadas diferentes abordagens sobre tempo e futuro de diferentes áreas de conhecimento das quais se espera resultarem certos “impulsos” ou “inspirações” para se procurar uma compreensão mais abrangente. Ao finalizar esta tarefa, volta-se a uma primeira re-aproximação com o tema do planejamento. Ou seja, não se trata aqui de uma mera “incorporação” ou “apropriação” de outros conceitos, mas de uma reflexão sobre tempo e futuro num contexto (que é o planejamento) onde este contexto precisa ser questionado em si.

PALAVRAS-CHAVE: tempo, futuro, utopia, planejamento.

1 Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atua como professor colaborador do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR/UFRJ). E-mail: rainer.randolph@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2142-9805>.

1. Introdução

O presente texto está inserido numa série de investigações dos últimos anos na área de planejamento urbano e regional sobre diversas temáticas do planejamento público, suas características e modalidades (RANDOLPH, 2022). Tem por objetivo contribuir a uma discussão relacionada à importância de perspectivas de tempo e futuro adotadas – implícita ou explicitamente – nos processos de planejamento. Em outro lugar, mostrou-se como a diferenciação de diferentes modalidades do planejamento depende, em boa medida, de suas perspectivas em relação a tempo e futuro.

Portanto, no presente artigo, o planejamento em si não vai ser o objeto direto da investigação, mas serão estudadas diferentes abordagens sobre tempo e futuro de diferentes áreas de conhecimento das quais se espera resultarem certos “impulsos” ou “inspirações” para se procurar uma compreensão mais abrangente.

Ao finalizar esta tarefa, volta-se a uma primeira reaproximação com o tema do planejamento. Ou seja, não se trata, aqui, de uma mera “incorporação” ou “apropriação” de outros conceitos, mas de uma reflexão sobre tempo e futuro num contexto (que é o planejamento), onde este contexto precisa ser questionado em si.

Assim, no item seguinte, serão indicados algumas das abordagens sobre tempo, temporalidade e utopia que, talvez, pudessem servir como incentivo – ou desafio – para aprofundar as questões que aqui apenas foram enunciadas rapidamente. Serão cinco diferentes aproximações que, a nosso ver, podem ser relacionadas ao tema do planejamento para, ao final, tentar um primeiro confronto – não síntese, articulação ou conclusão – tanto entre essas perspectivas como com o planejamento, para vislumbrar algumas provisórias possibilidades de sua contribuição em repensar tempo e temporalidades e futuro e futuridades do planejamento.

2. Tempo e temporalidades; futuro e futuridades; utopias abstratas e concretas

Cabe deixar claro que não se tem a pretensão em esgotar o assunto do futuro ao trazer discussões realizadas de diferentes campos disciplinares de conhecimento parcial ou mesmo de perspectiva interdisciplinar. Como diz Lefebvre (2001, p. 123) em relação à cidade e ao urbano, refuta-se as ambições de disciplinas parciais e mesmo de tentativas interdisciplinares de criar uma síntese em relação à utopia urbana que pertence ao político:

A capacidade de síntese pertence a forças políticas que são na realidade forças sociais (classes, frações de classes, agrupamentos ou alianças de classes). Elas existem ou não existem, manifestam-se e se exprimem ou não. Cabe a eles indicar suas necessidades sociais, inflectir as instituições existentes, abrir os horizontes e reivindicar um futuro que será sua obra. (LEFEBVRE, 2001, p. 123)

Ou seja, como já mencionado antes, não se pretende aqui questionar “fundamentos” ou fazer “tremar as bases” do planejamento por meio de simples sínteses de concepções de tempo e temporalidades, de futuro e futuridades e de sua lógica. O trabalho representa um convite a contemplar diferentes aspectos de diferentes direções e horizontes em suas formas de atuação voltadas ao futuro, conforme determinadas circunstâncias e desafios. Não há uma “solução”, um “planejamento”, mas a contingência de possíveis mundos presentes e seus futuros.

Portanto, sem pretender realizar uma síntese, seguem algumas reflexões referentes a características consideradas importantes para a discussão de tempo e futuro.

Iniciaremos com o significado do futuro no cotidiano como entende a linguística para confrontá-lo com algum tipo de futuro num “anti”-cotidiano que pretende fornecer uma “alfabetização em futuros”. Ao procurar o presente no futuro a partir do futuro do presente, saímos dos fenômenos e entramos no mundo da ficção, para chegar à ausência do futuro nos duros fenômenos do presente. Ao finalizar este percurso passamos por uma realidade que não se esgota em fenômenos onde o futuro está presente como possibilidade de movimento, mesmo como “Ainda-Não” e, enfim, como potencialidade presente da realidade.

2.1. As futuridades no cotidiano

Antes de procurar compreensões do futuro e da utopia em diferentes campos de conhecimento ligados a formas de administração, à filosofia e sociologia e mesmo à ficção científica, talvez o nível mais “básico” da apropriação de tempo e futuro esteja no uso da linguagem e, especialmente, sua apropriação em diferentes falas cotidianas relacionadas ao futuro.

Obviamente essa temática seria ampla demais, se não fôssemos restringir a análise a uma incursão a determinados termos da linguística. Se fosse tratado em sua amplitude, teríamos que partir de uma análise de modalidades do “tempo social”, do qual Lefebvre (2004, p. 73) fala numa análise de cotidiano e ritmo:

A vida cotidiana é modelada no tempo abstrato e quantitativo, o tempo dos relógios e dos relógios. Este tempo foi introduzido aos poucos no Ocidente após a invenção dos relógios, no curso de sua entrada na prática social. Esse tempo homogêneo e dessacralizado saiu vitorioso, pois forneceu a *medida do tempo de trabalho* (destaque pelo autor).

Mas, como continua o autor, a vida cotidiana permanece atravessada por grandes ritmos cósmicos e vitais: “dia e noite, os meses e as estações, e ainda mais precisamente os ritmos biológicos” (LEFEBVRE, 2004, p. 73). A interação desses ritmos com processos repetitivos, vinculados ao tempo homogêneo, acontece no cotidiano.

Sem poder acompanhar essa discussão de Lefebvre e como uma primeira e provisória aproximação a essa complexa temática, optamos por introduzir aqui o tratamento da linguística de diferentes modalidades de futuro na fala cotidiana. O que permite, inclusive, antecipar uma articulação com um raciocínio posteriormente elaborado, porque é aí que encontramos o termo da futuridade e sua diferenciação do futuro. Na futuridade,

já que recobre noções que sinalizam para eventos projetados a partir do momento de fala, há uma *projeção hipotética* [- (menos) certeza] que advém do conhecimento experiencial que o falante possui. Por isso, o futuro está contido na futuridade, haja vista que também recobre situações projetadas a partir do momento de fala, no entanto, o futuro é uma *previsão de certeza proferida pelo falante* de que, o evento mencionado por ele na proposição irá se concretizar, ou seja, há um maior grau de confiabilidade [+ (mais) certeza] de que o estado-de-coisas manifestado será potencializado (OLIVEIRA 2019, p. 69, destaque nosso).

Dessa forma, a expressão do futuro pode ser marcada tanto por meio de tempos verbais quanto pela distinção entre acontecimento *realis* e *irrealis* nas línguas naturais.

Em primeira aproximação, no nosso caso, o futuro, senão como previsão de certeza, pode ser entendido como aquele que está sustentado por conhecimentos científicos, pretensamente objetivos ou até neutros. Este “futuro”, ao se distanciar mesmo de contextos cotidianos, seria o dos “*future studies*” que está ligado ao esforço da “alfabetização em futuros” como se vê mais tarde.

Já, ao contrário, projeções do cotidiano que são comuns na preparação e execução de qualquer ação prática podem ser caracterizadas pela sua qualidade e característica como uma determinada “futuridade” por estarem baseadas em hipóteses (geralmente implícitas) que têm sua base no conhecimento adquirido pela experiência diária de possibilidades e potencialidades (que não está isenta de elementos relacionados a um conhecimento duto da realidade) como também foram tematizadas nos itens anteriores. Inclui, conforme Tafner (2005), a futuridade uma multiplicidade e variação entre diferentes formas do futuro. Usa-se, também, o termo “futurabilidade” de um presente “como a pluralidade dos futuros inscritos no presente e, também, a composição mutável de intenção coletiva”, atribuído a Franco Berardi por Matos (2020).

Mais especificamente, contemplar a relação entre experiências e expectativas no sentido das acima mencionadas futuridades pode ser interpretado como um modo determinado de ações no cotidiano. Sua existência e forma vai depender, inclusive, da situação vivida e das características das decisões a serem tomadas e ações a serem realizadas. Experiência do passado, compreensão do presente e expectativa do futuro formam a base para ações cotidianas como algo como uma “práxis” com variados graus de consciência e reflexividade; ou seja, ações baseadas

em um conhecimento empírico e conceitual e de intuições da realidade, sem necessariamente separar elementos do passado, presente e futuro.

2.2 A diversidade de futuros: *Future Literacy* e *Future Studies*

Em contraste a ações individuais ou mesmo sociais (em grupos) que costumam ser orientadas no cotidiano por uma articulação de práticas cotidianas entre experiências (da vivência passada) e expectativas (voltadas ao futuro), em sociedades contemporâneas ocidentais há diversas formas do tempo homogeneizado como nos "*future studies*". Já há algum tempo, a importância destes estudos foi reconhecida por muitos autores e deu origem a instituições² e eventos³ especializadas e revistas⁴ dedicadas ao assunto. O seu livro "O que é futuro?" (*What is the future?*) John Urry (2016) constata, logo na introdução, que "*The future has arrived*". Mas, apesar de ter chegado, o que o futuro é permanece um mistério, talvez o maior dos mistérios. Futuros fazem parte da maioria das agendas contemporâneas e muitos sustentam que o futuro é uma melhor orientação para o presente do que o que aconteceu no passado. Pois,

Visões futuras têm consequências poderosas e as ciências sociais precisam ser central em desmaranhar, debater e entregar aqueles futuros. Portanto, devemos desenvolver o que será denominado 'futuros sociais' – esta noção tem alguma semelhança com a ideia de um 'futuro integral' (URRY, 2016, p. 8, tradução nossa)

Como diz o autor, seu livro mostra como análises de instituições, práticas e vidas sociais devem ser fundamentais para as teorias e métodos de potenciais futuros. Alerta que o tempo do futuro é agora e nem as ciências sociais nem o mundo social deveriam perdê-lo.

Justifica isso porque, primeiro, as ciências sociais são significativas em ajudar a desconstruir uma noção única do tempo. Sociedades e instituições sociais são construídas em torno de regimes temporais diferentes, o que dá origem a variadas

-
- 2 Como o Institute for Future Studies, que é "uma fundação independente de pesquisa onde pesquisadores de diferentes disciplinas das ciências sociais podem conduzir investigações sobre assuntos de grande importância para nossa sociedade" (<https://www.iffs.se/en/about-us/>). Esse instituto, na Suécia, foi fundado em 1973 pelo governo sueco, tornando-se uma fundação independente em 1987.
 - 3 Como, por exemplo, *The Global Futures Literacy Design Forum*, organizado pela UNESCO, que aconteceu em dezembro de 2019 em Paris como oportunidade para experimentar o que significa melhorar a capacidade do "uso-do-futuro".
 - 4 Como a revista *Future*, cuja missão é divulgar a produção intelectual voltada para estudos de *future* e estratégias corporativas, conhecimento de democratização e outros no campo da gestão de negócio (*business management*) e áreas correlatas (<https://www.revistafuture.org/FSRJ/>); ou o *Journal of Futures Studies*, ligado à Tamkang University em Taipei, Taiwan, (<https://jfsdigital.org/homepage/>); ou o *Futuribles Journal* do Centro *Futuribles International* para o pensamento voltado ao futuro (*foresight*) e estudos (<https://www.futuribles.com/en/revue/>) e outros.

formas de tempo. Destaca, seguindo Adam (2010), a importância do deslocamento histórico de um tempo vivido e experimentado para um tempo padronizado e descontextualizado.

Da mesma forma, a ciência social elabora como múltiplos futuros estão relacionados a estes diferentes regimes de tempo. De acordo com Adam e Groves (2007), futuros são contados, domesticados, negociados, transformados, atravessados, pensados, tendidos e transcendidos. Especialmente significativo é o comércio de futuros, que significa uma grande quebra na trajetória de sociedades (URRY, 2016, p. 8)

Ainda, Adam e Groves apontam que uma visão do futuro vazio e abstraído de contextos resulta na possibilidade de “ser apropriado, estar aberto para mercantilização, colonização e controle. [...] Quando o futuro é descontextualizado e despersonalizado o podemos usar e dele abusar sem sentir culpa ou remorso” (ADAM; GROVES, 2007, p. 13). Isso, de fato aconteceu – e continua acontecendo – à medida que um futuro vazio o torna pronto a ser explorado uma vez que aqueles que viverão num futuro herdado não podem voltar, neste mundo futuro, ao seu próprio tempo.

Também a ciência social contribui para mostrar os perigos de extrapolar o futuro a partir do presente, uma forma bastante difundida nas técnicas do planejamento. Mas, para conhecer o futuro, é necessário examinar vários “passados” e desenvolver maneiras de entender como passado, presente e futuro são mutualmente entrelaçados.

O objetivo da “alfabetização em futuros” (*futures literacy*) é compreender melhor não elaborar suposições presentes contra algum futuro preditivo, mas usar o futuro para questionar, desmaranhar, inventar o que está acontecendo e o que pode ser feito no presente. Ou seja, em geral a antecipação do futuro pelas pessoas pode ter consequências profundas para o presente. Urry vai mostrar no seu livro muitos exemplos de caráter antecipatório em sociedades e suas muitas consequências para o presente (URRY, 2016).

Também em relação a essa “alfabetização em futuros”, Mangnus et al. (2021) argumentam que seu elemento-chave é a reflexividade em relação às diferentes atitudes ao futuro, um componente que se mostraria importante para a presente discussão sobre o planejamento.

Várias tradições intelectuais e práticas futuras fazem afirmações epistemologicamente distintas sobre o futuro e suas manifestações no presente. Por meio de suas diferentes perspectivas sobre a análise, compreensão e influência do futuro, essas diversas abordagens representam atitudes fundamentalmente diferentes sobre o que significa se envolver de forma significativa com o futuro. Devido a essa diversidade de atitudes em relação ao futuro e aos diferentes modos possíveis de envolvimento com o futuro, a alfabetização sobre o futuro é mais complexa do que parece à primeira vista (MANGNUS et al, 2021, p.1, tradução nossa)

Na sua investigação de publicações no campo da literatura do futuro, os autores identificaram uma multiplicidade de tradições intelectuais com distintas afirmações epistemológicas e até ontológicas sobre o futuro e suas manifestações no presente. Citam uma série de autores de estudos de diferentes temáticas como a performatividade de futuros imaginados, imaginários sociotécnicos, futuros em construção e outros mais (MANGNUS et al., 2021, p. 2).

Mencionam os autores o fato de que a maioria dos autores reconhece, ao lado das diferentes perspectivas de análise, a compreensão e influência sobre o futuro. Atitudes fundamentalmente diferentes sobre como o futuro deve ser tratado, o que significa se envolver de forma significativa com o futuro e concepções diferentes sobre o que significaria ser alfabetizado sobre o futuro “que é profundamente importante se envolver com o futuro como tal, porque as ações das pessoas são sempre de alguma forma antecipatórias – e, nesse sentido, sempre orientadas para o futuro” (MANGNUS et al., 2021, p. 2, tradução nossa).

Esta abordagem aponta, para além do elemento de antecipação que é sempre, de alguma forma, presente nas ações de pessoas, para sistemáticas para “descobrir” o futuro ou, melhor, vários futuros. Diante da multiplicidade de possíveis conceitos, abordagens, metodologias de o encontrar, e epistemologias e as formas de “apreendê-lo”, o “futuro” se torna de alguma forma aleatório, variável ao saber daqueles que o investigam e, assim, submetem a suas próprias epistemologias, metodologias, perspectivas e, por que não, interesses.

2.3 A inversão entre futuro e presente e as “futuridades” na ficção científica

Ao se referir a um futuro desejado em relação a cidades, ou à sua utopia, não se deve procurar, como diz Lefebvre (2002, p. 119), uma cidade “ideal” na visão dos filósofos e

(...) menos ainda na visão analítica que decupa a realidade urbana em facções, em setores, em relações, em correlações. São os autores da ficção científica que trazem esta imagem. Nos romances de ficção científica foram consideradas todas as variantes possíveis e impossíveis da futura realidade urbana.

Sem poder seguir, no âmbito do atual texto, esta recomendação de Lefebvre em relação aos exemplos⁵ apresentados, sua lógica pode ser encontrada em relação a outras realidades em romances de ficção científica como será demonstrado a seguir.

Como mencionado antes, geralmente, no planejamento e nos estudos do futuro (*future studies*) alguma situação *futura* é projetada a partir de potencialidades *presentes*. Defendemos aqui que a narrativa na ficção científica pode ser

5 Ora são antigos núcleos urbanos, ora cidades colossais que trazem para um nível mais elevado as antigas lutas pelo poder. Na verdade, diz Lefebvre (2001, p. 120) que não se precisaria ir tão longe porque “A Cidade ideal, a Nova Atenas já se perfila ante nossos olhos” e cita New York e Paris como exemplos de uma “utopia aterrorizante”.

compreendida como inversa⁶, pois as relações entre passado, presente e futuro se alteram de uma forma que diferentes futuros não precisam ser ancorados em potencialidades do presente. Como diz Lefebvre, pela ficção científica numa futura realidade urbana podem ser “consideradas todas as variantes possíveis e impossíveis” o que resultaria numa gama de “futuros de diferentes qualidades” dessa realidade.

Com esta formulação é possível introduzir nesta discussão aquele termo da linguística que se refere a falas diferentes em relação ao futuro: a *futuridade* enquanto expressão de uma determinada qualidade de um futuro⁷. É nas narrativas de ficção onde se pode encontrar a possibilidade de trabalhar com futuridades diferentes. Ou seja, uma discussão de obras utópicas desse gênero (da ficção científica) pode permitir ampliar o significado do termo da *futuridade* introduzido acima no âmbito da linguística.

Recorremos, para isto, a uma reflexão de Bühler (2016) que investigou quatro romances de ficção científica e procurou identificar e caracterizar suas diferentes *futuridades* utilizadas – já aproveitando o termo em português⁸. Ou seja, na sua análise o autor quer identificar “formas de *futuridade* em romances utópicas”.

Ao identificar, inicialmente, a ideia do “progresso” como princípio básico da organização e da narrativa dos textos utópicos escolhidos, Bühler (2016, p. 164) identifica que, para os autores, o caminho para uma outra (melhor ou pior) sociedade, a utopia (ou mesmo a distopia) se torna uma noção central à medida que se dedica aos possíveis resultados do avanço do progresso. “Na narrativa do progresso se mostra também a relação ambivalente da utopia com a modernidade” (BÜHLER, 2016, p. 164), como comprova em relação a alguns autores e suas obras na primeira metade do século XX.

Mesmo se utopias pudessem ser compreendidas como reflexões sobre o presente, deslocadas ao futuro, o gênero da ficção científica não pode ser compreendido apenas por meio do conceito de extrapolação ou antecipação como mostram análises de cientistas de literatura. O valor de conhecimento dessa literatura se encontra, conforme citado por Bühler (2016, p. 166), mais na referência analógica ao presente do respectivo autor do que em previsões específicas ou globais.

Via de regra, eles não se preocupam em prever o futuro, mas em refletir sobre o presente. As narrativas do futuro constituem uma posição de observador especial, porque o presente aparece nelas como o passado (BÜHLER, 2016, p. 166, tradução nossa).

-
- 6 O que não quer dizer que mesmo esta lógica pode ser usada no planejamento – quando se torna um exercício de ficção científica.
 - 7 Em dicionários, encontram-se definições para “futuridade” como “qualidade da coisa futura” (Oxford) ou como “caráter daquilo que está por vir”.
 - 8 O termo alemão “*Zukünftigkeit*” significa algo como uma qualidade ou característica da *Zukunft*, do futuro, o que justifica essa tradução.

Com sua compreensão de um amplo espectro de “futuridades” – possíveis características e qualidades de futuros – a literatura de ficção científica mostra, portanto, a unidimensionalidade do procedimento futuroológico da “extrapolação”⁹. Procedimento, diga-se de passagem, muito usado na preparação de ações voltadas para o futuro. O futuro é, como Bühler cita Suvin (1979, p. 108), “um nó de diversos desenvolvimentos e determinado por intenções, desejos e crenças, portanto, nenhum espaço mensurável quantitativamente”, sem ter, com isto, uma relação negativa com procedimentos científicos. Porque

É também verdade que as utopias não apenas imaginam futuros, mas também refletem formas de produção de futuro, por meio das quais, ao contrário da literatura científica, não se limitam a processos científicos (BÜHLER 2016, p. 166).

É, então, essa falta de limitação que permite uma ampla gama de possíveis e imagináveis futuridades para processos de ações voltadas ao futuro; foi a isto que Lefebvre deve se ter referido acima. O aprofundamento dessa discussão sobre a literatura de ficção científica mostraria como os autores dos romances na sua “criação” de um futuro (fictício) foram influenciados pela situação presente na qual escreveram suas obras; desta forma o presente (do autor) significaria o passado para o presente (da sua narrativa) no futuro o que parece inverter as relações entre passado, presente e futuro.

A importância da noção da “*Zukünftigkeit*” ou futuridade se deve, para o atual estudo, ao seu potencial em introduzir dimensões mais abrangentes a um futuro e atribuir a ele diferentes qualidades (o que remete ao início desta discussão). Em termos dessa noção e sua interpretação se torna possível denominar e diferenciar modalidades do planejamento com vistas a sua respectiva perspectiva do futuro¹⁰.

Para exemplificar melhor a diferença de compreensão e interpretação (fora da linguística) entre “futuro” e “futuridade”, pode-se citar duas aplicações. Há de se interpretar diferentemente as duas expressões seguintes: primeiro, o “futuro da crise”, segundo, a “futuridade da crise”. Na primeira referimo-nos ao *futuro de um evento presente (a crise)*. A segunda invoca algum *evento (no futuro), ausente no presente*, à qual se atribui certas *características no futuro (a crise)*.

Por fim, uma “*futuridade*” que caracteriza um planejamento não se confunde com uma interpretação de seu futuro; mas, ao contrário da ficção científica que torna o presente passado, uma futuridade (ou mais) expressa as qualidades de futuros que o planejamento adota ao contemplar o futuro. Em outras palavras, expressa uma determinada perspectiva qualitativa, geralmente não unidimensional etc. em relação a incorporação do futuro. Assim, uma determinada modalidade de planejamento ou ação voltada para o futuro poderia ser caracterizada, eis o nosso argumento, pela

9 A discussão acima sobre os *future studies* pode ser vista como uma demonstração para isto – no sentido positivo e negativo.

10 Como mostramos em Randolph (2002).

perspectiva qualitativa que adota em relação a incorporação do futuro – ou seja à sua futuridade – nos seus procedimentos e práticas.

2.4. *Contra a instrumentalização do tempo: a sociologia das emergências*

De alguma forma análogo ao par “futuro-futuridade”, reflexões de Boaventura Santos ajudam a compreender e interpretar outro par de noções, o de “tempo-temporalidade”. Procuramos, a seguir, aproveitar investigação e reflexão de Boaventura de Sousa Santos (2002) sobre tempo, temporalidade e futuro para acrescentar valiosos elementos à nossa investigação.

Para o autor, na época da globalização capitalista há uma contração do presente que “ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro” e, do mesmo modo, que uma “concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente. Quanto mais amplo o futuro, mais radiosas eram as expectativas confrontadas com as experiências do presente” (SOUSA SANTOS, 2002, p. 239). E afirma que a mesma perplexidade de Ernst Bloch (1995, p.313) está subjacente ao seu texto quando Bloch se interrogava “se vivemos apenas no presente, por que razão é ele tão fugaz”.

A responsabilidade pela situação questionada por Bloch, Sousa Santos vai atribuir à razão indolente e suas diferentes formas que se expressam no conhecimento hegemônico produzido nos últimos 200 anos. Desenvolveu-se durante a consolidação do capitalismo e seu Estado no hemisfério Norte, ligada a colonialismo e imperialismo. Romantismo e marxismo não tiveram força suficiente para se afirmar como alternativas (SOUSA SANTOS, 2002, p. 241)¹¹.

Para a presente argumentação a crítica à razão proléptica¹², uma das faces da razão indulgente, se torna relevante e importante na medida em que é essa que “concebe o futuro a partir da monocultura do tempo linear” e, assim, causa a enorme dilatação do futuro (SOUSA SANTOS, 2002, p. 254)

Esta monocultura do tempo linear, ao mesmo tempo que contraiu o presente, como vimos atrás ao analisar a razão metonímica, dilatou enormemente o futuro. Porque a história tem o sentido e a direção que lhe são conferidos pelo progresso, e o progresso não tem limites, o futuro é infinito. Mas porque o futuro está projetado numa direção irreversível ele é, como bem identifica Benjamin, um tempo homogêneo e vazio (Benjamin, 1969, p. 261, 264). O futuro é, assim, infinitamente abundante e infinitamente igual, um futuro

11 Mesmo para Hegel, como diz Sousa Santos (2002, p. 256, destaque nosso) “o possível ou não existe ou não é diferente do que existe porque está contido no real e, por isso, em qualquer dos casos, não merece ser pensado. A realidade e a necessidade não *precisam da possibilidade para dar conta do presente ou do futuro*”.

12 As outras razões são chamadas por Sousa Santos de impotente, arrogante e metonímica, está última obcecada pela ideia da totalidade sob a forma da ordem.

que, como salienta Marramao (1995, p. 126), só existe para se tornar passado.

A crítica elaborada à razão proléptica por Sousa Santos tem por objetivo contrair o futuro.

Contraír o futuro significa torná-lo escasso e, como tal, objeto de cuidado. O futuro não tem outro sentido nem outra direção senão os que resultam desse cuidado. Contraír o futuro consiste em eliminar ou, pelo menos, atenuar a discrepância entre a concepção do futuro da sociedade e a concepção do futuro dos indivíduos. (SOUSA SANTOS, 2002, p. 254)

O autor argumenta haver uma oposição de duas perspectivas do futuro: um futuro da sociedade e um futuro contrário dos indivíduos cuja limitação se impõe pela duração da sua vida. Na sua perspectiva, este caráter limitado do futuro dos indivíduos depende da sua gestão e cuidados e faz com que o futuro “em vez de estar condenado a ser passado, ele se transforme num fator de ampliação do presente. Ou seja, a contração do futuro contribui para a dilatação do presente”.

Atribui a possibilidade de obter a contração do futuro a uma *sociologia das emergências* que está presidido pelo conceito do Ainda-Não (*Noch-Nicht*) proposta por Bloch. Para sua abordagem da sociologia das emergências, Sousa Santos se refere a um “convite” de Bloch (1995, p. 246) “a entrarmos na categoria modal mais negligenciada pela ciência moderna, a possibilidade. Ser humano é ter muito diante de si”.

A possibilidade é o movimento do mundo. Os momentos dessa possibilidade são a carência (manifestação de algo que falta), a tendência (processo e sentido), e a latência (o que está na frente desse processo). A carência é o domínio do Não, a tendência é o domínio do Ainda-Não e a latência é domínio do Nada e do Tudo, dado que esta latência tanto pode redundar em frustração como em esperança. (SOUSA SANTOS, 2002, p. 254)

Para a sociologia das emergências isto significa que ela se dedica à investigação de alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas. Com isto amplia o presente ao juntar ao real as possibilidades e expectativas futuras comportado por ele e, assim, contrai o futuro à medida que o futuro deixa de ser vazio e infinito – uma “utopia abstrata” como diria Bloch – e se torna, como diz Sousa Santos (2002, p. 256) “concreto, sempre incerto e sempre em perigo”.

Fala sobre a não convencionalidade da sociologia das emergências por ter tanto uma dimensão ética como por sua objetividade estar dependente da qualidade da sua dimensão subjetiva. Esta dimensão se expressa na consciência antecipatória e o inconformismo ante uma carência cuja satisfação está no horizonte de possibilidades. Neste sentido, se move no campo das *expectativas sociais*.

Antes de finalizar a apresentação da discussão da sociologia das emergências, é importante chamar atenção para uma reflexão de Sousa Santos a respeito de uma discrepância entre a experiência e expectativas que mostra o *lado oposto* da acima discutida diferença entre pretensão (expectativa) e realização (realização) de ações voltadas para o futuro.

Diz o autor (SOUSA SANTOS, 2002, p. 257):

A discrepância entre experiências e expectativas é constitutiva da modernidade ocidental. Através do conceito de progresso, a razão proléptica polarizou esta discrepância de tal modo que fez desaparecer toda a relação efetiva entre as experiências e as expectativas: por mais miseráveis que possam ser as experiências presentes, isso não impede a ilusão de expectativas radiosas. A sociologia das emergências mantém esta discrepância, mas pensa-a independentemente da ideia do progresso, vendo-a antes como concreta e moderada. Enquanto a razão proléptica ampliou enormemente as expectativas e com isso reduziu o campo das experiências e, portanto, contraiu o presente, a sociologia das emergências busca uma relação mais equilibrada entre experiência e expectativa, o que, nas atuais circunstâncias implica dilatar o presente e encurtar o futuro. Não se trata de minimizar as expectativas, trata-se antes de radicalizar as expectativas assentes em possibilidades e capacidades reais, aqui e agora. Nisto consistem as utopias reais ...

Em relação a questões de expectativas, suas legitimações pela sociologia das emergências são contextuais porque medidas por possibilidades e capacidades concretas e radicais, e "porque, no âmbito dessas possibilidades e capacidades, reivindicam uma realização forte que as defenda da frustração. São essas expectativas que apontam para os novos caminhos da emancipação social, ou melhor, das emancipações sociais" (SOUSA SANTOS, 2002, p. 257, 258).

2.5 O futuro concreto do Ainda-Não

A discussão do item anterior já apontou o caráter linear do tempo na modernidade e as possibilidades de sua superação para incorporar ao planejamento diferentes temporalidades que possam mostrar caminhos para emancipações sociais. A proposição de Sousa Santos em "encurtar o futuro" e "expandir o presente" está relacionado ao paradoxo criado pela linearidade do tempo. Nestas condições, ações voltadas ao futuro são condenadas a perseguir "utopias abstratas", como diria o filósofo Ernst Bloch, à medida que sua (possível) realização não conta com a possibilidade de um suporte numa sociedade onde domina uma razão instrumental.

Ou seja, numa visão de um tempo linear e homogêneo observa-se um círculo vicioso à medida que a utopia de ações não-instrumentais só poderia ser viável após serem realizadas ações voltadas para o futuro que tornaram sociedades mais justas. Foi Bloch (1995) que se insurgiu contra a dominação de conceitos de Tudo (*Alles*) e

Nada (*Nichts*) na filosofia ocidental “nos quais Tudo parece estar contido como latência, mas donde Nada novo pode surgir. Daí que a filosofia ocidental seja um pensamento estático. Para Bloch o possível é o mais incerto, o mais ignorado conceito da filosofia ocidental” (SOUSA SANTOS, 2002, p. 254). Para superar essa perspectiva, introduz dois novos conceitos que permitem revelar a totalidade inesgotável do mundo: o Não (*Nicht*) e o Ainda-Não (*Noch-Nicht*).

O Não é a falta de algo e a expressão da vontade de superar essa falta. É por isso que o Não se distingue do Nada (1995, p. 306). Dizer não é dizer sim a algo diferente. O Ainda-Não é a categoria mais complexa, porque exprime o que existe apenas como tendência, um movimento latente no processo de se manifestar. O *Ainda-Não* é o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata. Não é um futuro indeterminado nem infinito. É uma possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente determinadas. De facto, elas redeterminam activamente tudo aquilo em que tocam e por isso questionam as determinações que existem num dado momento. Subjectivamente, o Ainda-Não é a consciência antecipatória, uma consciência que, apesar de ser tão importante na vida das pessoas, foi, por exemplo, totalmente negligenciada por Freud (Bloch, 1995, p. 286-315). Objectivamente, o Ainda-Não é, por um lado, capacidade (potência) e, por outro, possibilidade (potencialidade). (SOUSA SANTOS, 2002, p. 255, destaque nosso).

O Ainda-Não “é o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata. Não é um futuro indeterminado nem infinito. É uma possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente determinadas” (SOUSA SANTOS 2002, p. 255). Este Ainda-Não da utopia pode ter duas diferentes expressões (no extremo): pode ser abstrata ou concreta. Seguindo a apropriação de Limonad do pensamento de Ernst Bloch a respeito dessa diferença entre essas duas formas, temos:

(...) Por ter clareza de que o grau de objetividade ou de realidade de cada utopia é variável, assim como sua capacidade transformadora, procede, em um segundo momento, a uma diferenciação mais estrita com base em diversos parâmetros abordados adiante, (...), distinguindo o que caracteriza como *utopia abstrata* da *utopia concreta* (LIMONAD, 2016, p. 9, destaque d.a.).

Uma utopia abstrata se caracteriza pelo fato de não ter se tornada realidade, ser um sonho, inconsciente, constituir

uma antevisão de um futuro finito, que demanda um plano que determine a ação social. Por não ser consciente e não possuir base no real, a utopia abstrata se constitui em uma impossibilidade, sem base e sem relação com o mundo vivido ela integra a esfera das manifestações ideológicas (LIMONAD, 2016, p. 9)

A utopia concreta, como diz Bloch (2004, p. 196), se diferencia do utopismo, "(...) *En su concisión y nuevo rigor esta expresión significa tanto como órgano metódico para lo nuevo, condensación objetiva de lo que está por venir*" e se caracteriza por quatro aspectos entrelaçados: pluralidade, concepção do futuro, realidade da utopia e simultaneidade do pequeno e do grande.

Para Bloch a ideia de pluralidade da utopia é central e dela derivariam os outros aspectos. A pluralidade em si pressupõe a coexistência de diferentes tipos e formas de utopia. Essa natureza plural da utopia, em seu entender, teria por base a existência de uma consciência utópica, a saber um conjunto heterogêneo de preocupações utópicas principais (*Utopisch-prinzipielle Begriffe*), que consistiriam da antecipação de esperanças, sonhos, intenções e expectativas individuais e sociais que *ainda-não (noch nicht) se realizaram* e, que antes de se realizar, são reformulados, o que confere um caráter mutável e plural a utopia (LIMONAD, 2016, p. 10, destaque nosso)

Com distintas manifestações nos diversos campos da vida social, Bloch compreende a utopia concreta como algo intrínseca à vida humana.

Expectativa, esperança, intenção em relação a possibilidades ainda não realizadas (*ungeworden*): isto é apenas um traço básico da consciência humana, mas, concretamente corrigido e compreendido, uma determinação básica da realidade objetiva como um todo (BLOCH 1964, p,5, apud LIMONAD, 2016, p. 10).

Sem querer acompanhar em detalhe esta discussão¹³, para a presente argumentação é suficiente observar a perspectiva de Bloch sobre a "realidade da utopia" e o presente e as possibilidades objetivamente reais (*das objektiv-real Mögliche*).

Conforme Limonad (2016, p. 11, destaque nosso)

Essa ideia da realidade da utopia tem por base uma *concepção diferenciada e processual de tempo, em que as sementes do futuro germinam no presente sobre os restos do passado*. E, é essa realidade da utopia que lhe confere, também, o seu caráter mutável, pois conforme o aqui e agora se transforma, as premissas do vir a ser, do ainda-não também mudam.

Sua propriedade de "ser no aqui e agora", confere à utopia concreta seu poder e seu potencial de mudança com a premissa que as alternativas dessa transformação já existam no presente. É este fato que permite à utopia concreta "assumir um papel político, enquanto norteadora, orientadora da ação social, ao contrário da utopia

13 Vide Limonad (2016, p. 10/11).

abstrata. Norteadora, porém, não determinante, nem seguindo um plano ou metas pre-estabelecidas” (LIMONAD, 2016, p. 11).

Essas ideias de Ernst Bloch a respeito de “utopias concretas” permitiria uma crítica a abordagens tanto positivistas como “utopistas” de ações voltadas para o futuro. Nelas “futuros” tendem a ter o caráter de utopias abstratas, quando “não germinam no presente sobre os restos do passado”. Por outro lado, “planejar” no cotidiano pode ser limitado quando não reconhece e incorpora as potencialidades presentes em realidades aparentes.

3. À guisa de uma comparação confrontada entre “futuridades”

Ao seguir as orientações de Sousa Santos e Bloch, futuros ou futuridades não expressam apenas meras diferenças formais – resultados, por exemplo, de diferentes horizontes, ciclos, extrapolações etc. como distinção entre modalidades – mas qualidades diferentes cujo caráter tem sua origem em realidades ainda-não presentes.

A formulação de propostas de utopia concreta de ações voltadas ao futuro precisa estar suportada por determinadas possibilidades e potencialidades da realidade presente no ato de sua realização – ou seja, a qualidade de cada futuro (uma determinada futuridade) está baseada em possibilidades e potencialidades do (seu) presente. Sem haver essas potencialidades, um planejador, comprometido com uma transformação do presente, pode ser comparado com um autor de ficção científica e sua atividade da realização com um exercício “futurístico”. Pode se dizer que há exemplos bastante frequentes que podem ser encontrados na trajetória do planejamento.

Pois, ao articular elementos de uma projeção do futuro, o planejador está submetido a um presente de influências profissionais, regras, limitações e possibilidades que constituem sua presencialidade (qualidade do presente) em termos de condições externas e internas do exercício da sua profissão e condicionam sua competência e capacidade de formular um futuro (desejado). Essa analogia entre autor de ficção científica e planejador pode ser melhor mostrada na articulação entre futuro e presente, ou seja, na qualidade da futuridade que depende da situação e condição dos trabalhos de ambos. Em relação ao planejamento isto não é nenhuma obviedade porque, em certas concepções a seu respeito, o planejador é apresentado como neutro e seu processo de trabalho é orientado por objetividade e cientificidade no desenho do futuro – não há nem multiplicidade e nem mútua influência do presente no futuro.

Entretanto, no caso de ações voltadas para o futuro no sentido de Sousa Santos e Bloch, a relação pode e precisa ser identificada para cada evento por meio de um confronto entre a situação real e sua potencialidade atual com a transformação desejado no futuro. Ao considerar o “real” não apenas pelos fatos, mas contemplar nele também hipóteses sobre suas potencialidades, como o faz Lefebvre (2002, p. 16), a formulação da ação se realiza pelo confronto entre a presencialidade

(a qualidade do real presente que inclui também suas potencialidades hipotéticas) e a futuridade deste presente (a qualidade atribuída ao futuro desejado). O resultado deste confronto não é arbitrário, mas também não é determinado integralmente pelos dois lados por ser “mediado” por ações (mesmo a nível discursivo de formulação) que precisam ser articuladas.

Essa articulação do presente com um possível futuro, então, encontra sua particularidade em cada evento pelo crivo de planejamento. Seu resultado dependerá, em princípio, da especificidade da situação concreta com suas condições específicas do evento subjacente às ações. A nível empírico-concreto, o resultado específico destas ações é contingente como confronto entre a presencialidade da situação e suas potencialidades que expressam suas futuridades. Mesmo assim, a nível de determinados formatos de ações e em situações típicas, parece possível indicar algumas tendências a respeito da relação entre presença e futuro (RANDOLPH, 2022).

Há, entretanto, a questão do desperdício de experiências sociais que Sousa Santos denuncia como vinculado à extensão quase infinita do futuro em determinadas formas de ações voltadas ao futuro. A discussão nos itens anteriores é capaz de lançar certas luzes a este respeito se consideradas posições diferentes que se encontram em estudos do futuro do tipo “*future studies*”, a questão o *Noch-Nicht* de Bloch e das potencialidades e possibilidades de Sousa Santos. Especialmente, a questão das futuridades do cotidiano e de diferentes “ritmos do tempo” – aqui não aprofundados – podem dar indícios a “causas” deste desperdício em ações voltadas para o futuro onde este “futuro” é único e dominante numa sociedade.

O “combate” a esse desperdício e o reconhecimento e valorização de experiências sociais vislumbra Sousa Santos na sua abordagem da sociologia das emergências acima tratada que está voltada para o encurtamento do futuro e a ampliação do presente. As principais contradições no mundo contemporâneo são aqui compreendidas como luta entre globalização neoliberal e movimentos sociais e ONGs, que, sob domínio da primeira, resulta em um enorme desperdício de experiências sociais (cotidianas). O próprio planejamento contribui para essas contradições na medida em que o tempo das modalidades dominantes (racional-compreensivo, incremental etc.) é linear, acelerado, onde, por um lado, a presença se reduz a um momento ínfimo e, por outro, o futuro parece infinito.

Ações voltadas para um futuro sem o desperdício de experiências sociais devem perseguir a reformulação das relações entre Estado e sociedade e o abandono das suas propostas republicanas para valorizar os espaços de vivência. Um planejamento que queira realmente subverter essas relações (e se for apenas em partes) precisa, então, criar o espaço tempo necessário para a valorização da experiência (e vivência) social. Isto significa nada menos do que colocar em prática as concepções que Boaventura de Sousa Santos (2002) elabora a partir de sua crítica à “razão indulgente”.

Enfim, um “outro” planejamento precisaria abandonar uma perspectiva “fictícia” com o futuro e reconhecer que as diversidades de futuridades envolvidas nas suas ações não podem ser resolvidas por uma simples “alfabetização para o futuro” ou “future studies” que, tendencialmente, procura lidar com a ampliação do futuro. Um “outro” planejamento deve ter como estratégia, como bem colocou Sousa Santos, o encurtamento do futuro e a ampliação do presente, o que passa também por uma perspectiva diferente ao espaço como produção social.

Como apontado em outro lugar (RANDOLPH, 2018):

(...) uma “utopia concreta” como projeção para um futuro possível precisa estar baseada na imanência das potencialidades que podem ser responsáveis pela – mas não necessariamente determinam – sua realização. Realização, aqui entendido como “presenteificação” de um futuro cujas potencialidades podem ser verificadas no presente; isto caracteriza, na opinião de alguns autores, uma utopia como concreta e sua potencialidade em determinado momento como imanente (não dependendo de influências “transcendentais”). Incorporar espaço e tempo na formulação (e prática) de um modo de planejamento tem este significado.

Para isto as acima mencionadas futuridades (qualidades do futuro no presente) *no cotidiano* e suas potencialidades imanentes de realização (presenteificação *no futuro*) poderiam contribuir através da mobilização dessas forças do cotidiano, do “underground”¹⁴, da incorporação de experiências sociais desperdiçadas, de falas, atitudes e ações pacificamente subversivas, insurgentes e mesmo do esforço em expandir o presente e limitar o futuro - o que parece um certo contrassenso; ou, em outras palavras:

Diante das contradições das sociedades capitalistas contemporâneas, a *potencialidade* de uma utopia social e, ao mesmo tempo, de uma utopia do planejamento que se torne elemento dessa utopia só serão encontradas nas manifestações sociais na periferia do sistema, no espaço concreto, na re-figuração do tempo enquanto presente e futuro (Randolph, 2018).

Como dizem os autores da atual interlocução, é nesta realidade e no presente que precisam ser procuradas e encontradas, dialeticamente, as im-possibilidades e não-potencialidades como futuridades de uma sociedade transformada. Ou seja, uma potencialidade do futuro que se anuncia no presente (e pode ter suas raízes no passado), mas que, dialeticamente, supera a projeção do presente como mera extrapolação para o futuro na medida em que nele, no seu caminho em direção ao futuro, se descobrem e realizam suas potencialidades.

14 Vide na Produção do Espaço de Lefebvre (2013).

Bibliografia

- ADAM, B. History of the future: paradoxes and challenges, *Rethinking History*, v. 14, p. 361-78, 2010.
- ADAM, B., GROVES, C. *Future matters. Action, knowledge, ethics*. Leiden, Boston: BRILL, 2007.
- BENJAMIN, W, *Thesis on the Philosophy of History*, Illuminations. NewYork: Schocken Books, 1969.
- BLOCH, E. *El principio de esperanza* (I y II). Madrid: Trotta, 2004.
- BLOCH, E. *The principle of hope*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- BÜHLER, B. Zukünftiges Zukunftswissen in modernen Utopien: Bernhard Kellermann, Karl Ettliger, Franz Werfel und Alban Nicolai Herbst. *Yearbook for European Jewish Literature Studies*, v. 3, 1 – S, p. 163-182, 2016.
- LEFEBVRE H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, H. *Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- LEFEBVRE, H. *Rhythmanalysis. Space, time and everyday life*. London, New York: Continuum 2004.
- LIMONAD, E. Utopias urbanas, sonhos ou pesadelos? Cortando as cabeças da Hidra de Lerna. *Anais... XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro*. Barcelona: Geocrítica, Universidad de Barcelona, 2016, p. 1-20.
- MANGNUS, A.C.; OOMEN, J.; VERVOORT, J.M.; HAJER, M.A. Futures literacy and the diversity of the future. *Futures* n. 132, 2021.
- MARRAMAO, G. *Poder e secularização: As categorias do tempo*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- MATOS, D. Central galeria apresenta a mostra "No presente, a vida (é) política". *RG de 26.11.2020*. Disponível em: <https://siterg.uol.com.br/cultura/2020/11/26/central-galeria-apresenta-a-mostra-no-presente-a-vida-e-politica-2/>
- OLIVEIRA, A. S. Tempo, modo e modalidade: uma análise das modalidades deontica e volitiva e as noções de futuridade. *Revista Investigações*, v. 32, n. 2, p. 65-86, 2019.
- RANDOLPH, R. A utopia do planejamento e o planejamento da utopia: o longo caminho de um contra-planejamento até o alcance da justiça social. In: SOUZA, C. M. (org.). *Um Convite à Utopia*, v. 2 (Tecnotopias, Esperança, Felicidade). Campina Grande / João Pessoa: Editora da UEPB, 2018. p. 239-276.
- RANDOLPH, R. Futuros no planejamento e planejamento do futuro. In: FRIEDMAN, F (org). *Territórios e planejamento*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 527-557.
- SOUSA SANTOS, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], v. 63, 2002.
- SUVIN, D. *Poetik der Science Fiction. Zur Theorie einer literarischen Gattung*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1979.
- TAFNER, E. P. A expressão da futuridade nos manuais de ensino de português para estrangeiros. *SOLETRAS*, ano V, n. 09. São Gonçalo: UERJ, p. 27 – 38, 2005.
- URRY, J. *What is the future?* Cambridge; New York: Polity, 2016.

Between phenomenon and fiction, present and future in planning: reflections on temporalities and futurities

This text gives continuity to investigations on several themes of public planning and its characteristics and modalities, carried out in recent years, with the objective of contributing to a discussion related to the importance of perspectives of time and future adopted - implicitly or explicitly - in the processes of planning. Elsewhere, it was shown how the differentiation between planning modalities depends, to a large extent, on their perspectives in relation on time and future. Therefore, in the current work, planning itself will not be the direct object of the investigation, but different approaches to time and future of different areas of knowledge will be studied, which are expected to result in certain "impulses" or "inspirations" to seek an understanding more comprehensive. At the end of this task, we return to a first re-approach to the theme of planning. That is, this will not be a mere "incorporation" or "appropriation" of other concepts, but a reflection on time and future in a context (which is planning) where this context itself needs to be questioned.

KEYWORDS: time, future, utopia, planning.

Entre fenómeno y ficción, presente y futuro en la planificación: reflexiones sobre temporalidades y futuridades

Este texto da continuidade a investigaciones sobre varios temas de la planificación pública y sus características y modalidades, realizadas en los últimos años, con el objetivo de contribuir a una discusión relacionada con la importancia de las perspectivas de tiempo y futuro adoptadas - implícita o explícitamente - en los procesos de planificación. En otra parte, se mostró cómo la diferenciación de las diferentes modalidades de planificación depende, en gran medida, de sus perspectivas en relación con el tiempo y el futuro. Por tanto, en el presente trabajo la planificación en sí misma no será objeto directo de la investigación, sino que se estudiarán distintas aproximaciones al tiempo y al futuro de distintas áreas del conocimiento, que se espera den como resultado ciertos "impulsos" o "inspiraciones" para buscar una comprensión más integral. Al final de esta tarea, volvemos a un primer acercamiento al tema de la planificación. Es decir, no se trata de una mera "incorporación" o "apropiación" de otros conceptos, sino de una reflexión sobre el tiempo y el futuro en un contexto (que es la planificación) donde ese mismo contexto necesita ser cuestionado.

PALABRAS CLAVE: tiempo, futuro, utopía, planificación.

Artigo recebido em junho de 2023. Aprovado em agosto de 2023.